

Opinião

Intervalo de Inverno?



Com o “politicamente correcto”, a “Árvore de Natal” passará a “Árvore da Amizade”, o “Feliz Natal” a “Boas Festas”...

José Manuel Moreira

A quadra natalícia que, em boa verdade, só termina no Dia de Reis, trouxe uma nova polémica a propósito da festa do nascimento de um Menino. A polémica, em parte importada, é sinal do que aí vem e justifica o eco do “Público” (22.XII.06), que contou, a par do editorial de Nuno Pacheco (Natal e Hipocrisia) com duas crónicas: de Constança Cunha e Sá (Ofensas de Natal), e de Esther Mucznick (A censura “catequística”).

Mas o prato forte foi um bem documentado texto de António Marujo: “De repente, um pouco por todo o mundo ocidental, um zelo que se pretende religiosamente correcto rejeita os símbolos próprios da época invocando a laicidade e a necessidade de não ofender os não-cristãos”.

Um zelo que já nos calhou com uma associação – que parece ter como modelo Afonso Costa e se dá pelo nome de – “República e Laicidade”. Depois dos crucifixos, o ataque coube ao Natal. Com o “politicamente correcto”, a “Árvore de Natal” passará a “Árvore da Amizade”, o “Feliz Natal” a “Boas Festas” ou a “Boa estação”... até que todo o tempo natalício, como já aconteceu em Birmingham, se passe a chamar “Winterval” – ou Intervalo de Inverno.

A pergunta é: o que virá depois do Intervalo? Até onde irá o consentimento cobarde do “rebanho” para com a sucessão de “causas” impostas pelos “novos pastores” que visam fracturar uma tradição cultural concreta – a religião cristã – que, quer se queira ou não, marcou este Mundo?

Será que pensam que a tolerância e convivência pacífica seriam mais fáceis sem a religião – em especial, a cristã, que tanto ofende...? Será que ainda não perceberam que sem a presença das igrejas cristãs, através das quais fica coberta a temática religiosa da vida humana para a maioria dos membros da sociedade, a sociedade moderna já teria, há muito, experimentado um processo alternativo de re-sacralização?

Hipótese que não é de todo improvável, se tivermos em conta a imprescindibilidade um fundamento religioso ou quase religioso para a unidade da sociedade. Por isso, o período moderno da história da cristandade, precisamente no seu carácter secularizado, poderá muito bem ser considerado como um período de uma cultura cristã. O que significa que, ainda mais do que os crentes – cristãos ou outros – deveriam ser os ateus e agnósticos a interessarem-se pela presença das igrejas e tradições cristãs, e a entenderem que a separação da ideia de liberdade individual das suas raízes religiosas não constitui uma emancipação. Pelo contrário, esse desenraizamento religioso torna ambíguos e opacos alguns dos valores fundamentais da nossa cultura moderna e pode ser fatal para o seu desenvolvimento.

É que o verdadeiro problema não está em saber como nos emanciparmos de uma tradição concreta, mas antes no reconhecimento da mesma, a fim de não se absolutizar nenhum tipo de compreensão: a liberdade implica a liberdade para se ser diferente.

A história do liberalismo pode ser vista como uma luta de séculos para libertar o Estado ocidental moderno da religião e da ética. Mas este longo processo está em vias de retroceder com a sujeição de todas as esferas da vida a um espírito legislativo que usa o Estado e o direito para impor uma “ética laica”. Uma nova religião que, em nome do politicamente correcto, tudo invade, e que, graças aos bons ofícios de inúmeros grupelhos – suportados pelo Estado ou por dinheiros da expiação de empresários que, de forma voluntária e cobarde, colaboram com estas “causas” – aspira a minar os valores de uma civilização que une Atenas, Roma e Jerusalém.

Razão tem Pulido Valente (no mesmo “Público”): “Não existe a menor diferença entre a actual ortodoxia “bem pensante” e o jacobinismo ou o comunismo clássico. É a velha ambição de criar um homem racional e perfeito pela força política. Não por acaso os marxistas de ontem prosperam neste novo mundo. A tolerância sempre foi ou já se transformou em intolerância e há um lugar para milhões de polícias.”

E o Cartão Único vai ajudar... “Uma nação de ovelhas dará origem a um Governo de lobos”, mas podemos ficar para já descansados: no “Intervalo de Inverno” os lobos são bons e democráticos, como nas versões corrigidas do Capuchinho Vermelho.

Comentários

Miguel Madeira

Mas que ataque houve ao Natal? Não ouvi falar de ninguém (pessoa, empresa, município, etc.) criticado por ter uma árvore de natal ou um presépio ou ter mandado cartões de natal (ou melhor, só ouvi falar de um caso numa escola espanhola). Por outro lado, ao longo das ultimas semanas (e há um ano atrás), li vários artigos criticando o facto de indivíduos ou instituições terem mandado cartões de "Boas Festas", ou não terem feitos decorações de Natal. Ou seja, quem se está a meter no que os outros fazem são os "defensores do Natal", não os "laicistas".

vg

Este senhor acredita que o Capuchinho é que ataca o Lobo Mau...